

8. Sociabilidade e lazer

Dentre as inúmeras mudanças sociais apontadas por sociólogos, antropólogos e filósofos nesta virada de milênio, algumas das mais importantes relacionam-se a sociabilidade e a lazer. O desenvolvimento das tecnologias de transporte e de comunicação vem possibilitando uma extraordinária ampliação do acesso a lugares, informações e culturas, antes inimaginável, como o enorme crescimento do consumo nas sociedades complexas, que propicia, entre outras coisas, o acesso a tecnologias mediáticas, que passam a ser fundamentais para o lazer. Verifica-se ainda um enorme crescimento do setor de serviços, com o avanço do capital constituindo “conglomerados de comunicação com um poder sem precedentes sobre toda a mídia e ultrapassando fronteiras” (Anderson, 1999: 66) e a super-expansão da esfera da cultura, “praticamente coextensiva à própria economia, não apenas como base sintomática de algumas das maiores indústrias do mundo [...] mas de maneira muito mais profunda, uma vez que todo objeto material ou serviço imaterial vira, de forma inseparável, uma marca trabalhável ou produto vendável”. A “indústria cultural” e o mundo do consumo emergem como realidades centrais na vida moderna, tornando-se impossível ignorá-las. Todos dialogamos, de alguma maneira, com esses fenômenos e nos vemos diretamente impactados por suas manifestações.

É vasta a literatura que problematiza esses fenômenos. Tais estudos podem ser localizados num amplo gradiente de posições localizadas em algum ponto entre dois pólos. De um lado estão aqueles que apontam para a mercantilização e padronização rasteira da cultura, a perda de valores e referências, num caos de imagens e informações que resultaria em processos alienantes. Para esses autores, um “consumismo expressivista” teria substituído a ética do trabalho e implantado uma “tribalização estetizante” (Domingues, 2001: 37).

De outro lado, estão aqueles que ressaltam a inegável ampliação das possibilidades de lazer, outrora restritas à aristocracia e, depois, à burguesia; o crescimento do acesso a informações; o caráter eminentemente criador da produção cultural; a ampliação das possibilidades de divulgação de concepções não-hegemônicas, com a democratização do acesso às tecnologias de produção; e veiculação de materiais culturais, tudo isso ampliando as possibilidades de construção de referências identitárias.¹⁰⁸ Aponta-se ainda para o declínio da

ção de referências identitárias.¹⁰⁸ Aponta-se ainda para o declínio da sociabilidade, referenciada em instituições como a família, o trabalho e a Igrejas e para o incremento das chamadas “relações puras” (Giddens, 1977), referenciadas na satisfação emocional derivada do contato íntimo com outrem, independente de outros tipos de recompensa que a relação fornecesse.

Sem dúvida, é amplo o espectro de alterações em se tratando de sociabilidade e de lazer na modernidade tardia apontado pela literatura. Em que medida e de que maneiras essas mudanças estariam impactando as experiências, as práticas e as representações dos técnicos investigados? O que vêm significando os tempos, as práticas e as necessidades de sociabilidade e lazer em suas visões de mundo e projetos?

Na análise da sociabilidade e do lazer dos técnicos, referindo ao tipo de uso que fazem do tempo liberado do trabalho e das ocupações obrigatórias, atentos às três dimensões do lazer apontadas por Dumazedier (2001), autor clássico da sociologia do lazer: o descanso, o divertimento e o desenvolvimento desinteressado.¹⁰⁹ Como essas dimensões do lazer são percebidas e vivenciadas pelos técnicos investigados? Quando, como e onde eles buscam atividades de descanso, divertimento e desenvolvimento desinteressado? Em que medida a metrópole oferece-lhes e eles utilizam espaços diversificados para tais fins?

Sabemos que, inseridos na sociedade complexa, habitando uma metrópole e circulando por diversos espaços sociais, esses técnicos têm um espectro relativamente amplo de possibilidades de encontros com pessoas que poderão ou não vir a constituir-se seus parceiros, amigos ou, conforme a categoria nativa, “colegas”. Quem são as pessoas eleitas para compartilharem os momentos de lazer? De onde se originam? Como se encontram? Que espaços freqüentam juntos? A que ativi-

¹⁰⁸ Uma excelente síntese desse debate pode ser encontrada no livro *Apocalípticos e Integrados*, de Umberto Eco, ou ainda em *A Sociedade do Sonho*, de Everardo Rocha, especialmente referidos ao campo da comunicação. Sobre as mudanças ocorridas nas práticas e representações acerca do lazer, ver *Lazer e Cultura Popular*, de Joffre Dumazedier. Para uma análise das transformações culturais mais amplas, ver *Mundialização e Cultura*, de Renato Ortiz. Do mesmo autor, o livro *A Moderna Tradição Brasileira* oferece um interessante panorama das transformações da indústria cultural brasileira ao longo do século XX, discutindo suas possibilidades, limites e contradições.

¹⁰⁹ A definição de lazer, segundo Dumazedier é: “um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

dades se dedicam? Que produtos e estilos culturais elegem? Qual é o significado de tais escolhas?

Já pudemos constatar que, diferentemente de outros grupos afluentes, como os moradores dos grandes edifícios de Copacabana oriundos da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro descritos por Velho, ou os vários dos entrevistados por Vaitsman oriundos de setores populares e hoje pertencentes às camadas médias, os técnicos entrevistados possuem fortes vínculos culturais, ideológicos e de classe¹¹⁰. Aqueles de origem popular, pelo menos 16 entre os 20 entrevistados, não demonstram o desejo de afastar-se do grupo de origem e adotar um modo de vida mais identificado com os setores médios. Almejam, sim, a melhoria de vida: melhor moradia, automóvel, educação para os filhos e disponibilidade para gastos com lazer. Porém, mesmo após alcançarem esse patamar, continuam tendo a família de origem e as práticas e valores aí disseminados como sua principal referência. Muitos, ao alcançarem condições de adquirir moradia própria, o fazem em um bairro próximo da família ou então muda-se toda a família para outro bairro, numa espécie de migração coletiva, ao lado de outros núcleos do mesmo grupo familiar. Quando, por alguma contingência, tal não é possível, o afastamento físico do grupo familiar é significado como perda, e outras providências são tomadas para compensá-lo, como a instituição de almoços e programas familiares nos finais de semana reunindo, novamente o grupo. A priorização da família como grupo de escolha para as horas de lazer parece não ser uma prática específica das camadas populares, ou deste segmento de trabalhadores (técnicos de nível médio), especialmente no Brasil, onde a família tem sido um poderoso eixo de estruturação da vida social. Porém, é notável a presença e a força dessa instituição na constituição do modo de vida deste grupo.

Observem-se, por exemplo, os sujeitos investigados por Velho e Vaitsman, em ascensão escolar e econômica, que almejam despir-se das características que os identificam como pertencentes às camadas populares. Eles procuram participar de práticas de lazer e sociabilidade inexistentes em seu grupo social de origem (cinema de arte, teatro, opção por outros estilos musicais, literatura e constituir

¹¹⁰ Os grupos investigados tanto por Velho quanto por Vaitsman aspiram a uma mobilidade social e geográfica que os retire das “limitações” do grupo de origem, popular, visto como “atrasado” e “tradicional”. Os entrevistados por Vaitsman, por exemplo, tinham pressa de mudar-se do bairro de origem, por temerem ser tragados, “arrumar uma boa moça e casar-se”, condenando-se, assim, a permanecerem nesse meio social.

novas relações sociais (a grupos sociais que valorizam e promovem encontros sociais sobre tais experiências). Já os técnicos investigados, ainda que transitem mais do que os pais nos diversos “espaços culturais”¹¹¹ da cidade e tenham acesso, direto ou indireto, a outros universos culturais, mostram-se muito identificados ao mesmo tempo com o modo de vida e os valores do grupo de origem. Porém, isso não os impede de selecionar entre os elementos dos universos culturais de outros grupos sociais alguns que lhes interessam e incorporá-los, operando uma maior ou menor reelaboração dos mesmos.

Os técnicos então diferenciam-se tanto dos vizinhos que eles julgam não terem se esforçado, ou tido condições para permanecer e progredir na carreira escolar quanto dos “filhinhos de papai”, vistos como consumistas, egoístas e irresponsáveis. Mesmo aqueles de origem típica ou próxima dos setores médios parecem construir uma diferenciação em relação a este segmento, acreditando-se, após a experiência no IT, mais esforçados e responsáveis que a média dos pares.

Além do campo de possibilidades em que os técnicos investigados encontram-se inseridos, também suas visões de mundo e modos de vida definem suas escolhas em termos de práticas de sociabilidade e lazer. É necessário fazer uma certa distinção entre esses dois eixos de definição das suas práticas para evitarmos tanto o reducionismo economicista quanto o idealismo voluntarista que contamina muitas análises. Assim, vamos inserir sua sociabilidade e lazer no quadro mais amplo da teia de significados tecida com os fios do conjunto das experiências e representações que participam da constituição daquelas práticas.

A organização dos tempos de vida e os valores que orientam seu universo cultural destacam-se como os dois eixos básicos da constituição das experiências de sociabilidade e lazer dos técnicos investigados: a organização dos tempos, pela total escassez do mesmo, em especial até o momento, no ciclo de vida, sua estabilização profissional no patamar almejado, que, conforme vimos, é bastante variável, ficando em torno do valor médio de R\$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos reais), ou seja, cerca de dois Salários Mínimos Necessários, segundo o DIEESE. Até alcançarem o nível salarial almejado, os técnicos dedicam-se intensamente aos estudos regulares ou adicionais, lutando com a única arma de progressão salarial que conhecem: a qualificação profissional. Entretanto, dado o caráter monótono e

¹¹¹ “Espaços culturais” aqui no sentido restrito do termo: cinemas, teatros, shows, concertos, etc.

repetitivo da maioria das ocupações técnicas, mesmo alcançando o patamar salarial almejado, alguns ainda irão aventurar-se pelos estudos superiores e pós-graduados para buscar uma ocupação mais significativa ou de, pelo menos temporariamente, para quebrar a rotina. Conciliando trabalho, estudo e obrigações familiares, o tempo disponível para lazer é mínimo, e dele ainda subtrai-se aquele destinado ao repouso, sempre defasado.

A limitação de tempo concorre com outra circunstância: a limitação da oferta de alternativas de lazer e espaços de encontro, mesmo vivendo todos eles numa importante região metropolitana. Ocorre que os espaços culturais e de lazer concentram-se majoritariamente nas áreas centrais ou nobres da cidade: cinemas, teatros, clubes, parques, festas e shows. Poucos vivem em bairros que oferecem alguma dessas opções, como Hugo, que mora perto de um parque municipal, que usa com frequência, junto com as filhas. Os demais, morando em bairros populares ou de classe média baixa, limitam-se, no cotidiano, ao shopping mais próximo, que, em oito casos situa-se num município bastante industrializado da região metropolitana, com apenas duas salas de exibição de filmes, uma praça de alimentação e um espaço com jogos eletrônicos. Outro fator que interfere na disponibilidade de opções de lazer são os rendimentos que, conforme já vimos, são limitados e fortemente comprometidos, dentre outras despesas, com a formação paga – a própria e a dos filhos.

Os valores que orientam sua visão de mundo e seu modo de vida também concorrem para a definição de sua relação com o lazer e a sociabilidade. De maneira geral, eles elegem como companhias pessoas com orientação semelhante: “que têm objetivo na vida”, no sentido de projetos referenciados na melhoria de vida; pessoas “orientadas”, ou seja, detentoras de um referencial moral calcado no esforço, na disciplina, no autocontrole. Tangenciados que são por grupos e sujeitos à margem da sociedade, excluídos das relações socialmente valorizadas, do mercado de trabalho – marginais, desempregados crônicos, alcoólatras (vários entrevistados fazem menção a vizinhos e colegas de infância nessa condição), a ética do esforço (“correr atrás”, “dar mais”, “vencer desafios”, “agregar valor”) é talvez um importante critério definidor das escolhas de suas companhias. Além disso, dadas as informações a que têm acesso via escola, trabalho e relações sociais, devido à incorporação de tal ética, elegem suas relações de amizade em função de interesses e níveis de informação em comum. Muitos técnicos referem-se

aos amigos ou colegas como pessoas “inteligentes”, “bem informadas, que sabem falar de qualquer assunto”. São classificadas como pessoas destituídas de interesse, para eles, aqueles que não estudaram até pelo menos o segundo grau e os que não têm objetivo na vida.

As atividades preferidas pelos técnicos investigados nos momentos de descanso e distração variam de acordo com a faixa etária e com o fato de terem filhos ou não, ou seja, com a etapa do ciclo de vida em que se encontram. De uma maneira geral, os mais jovens e solteiros gostam de freqüentar barzinhos com os amigos, geralmente bares menos sofisticados que não se localizam nem na vizinhança imediata, nem nas zonas de lazer noturno mais sofisticadas. Os que moram em outras cidades da região metropolitana que não a capital praticamente só freqüentam nesta os cinemas, mesmo assim, ocasionalmente. Apenas Daniel freqüenta casas noturnas da área nobre da cidade junto com os colegas do curso de engenharia noturno da universidade privada onde estuda. Os jovens solteiros também gostam de ir ao cinema e de festas no interior, como feiras agropecuárias e casamentos de amigos ou de amigos de amigos. A freqüência às festas no interior aparece em vários depoimentos e mostra o vínculo do entrevistado com as cidades menores, onde se sente bem à vontade. Freqüentam ainda, ocasionalmente, na região metropolitana, a alguns shows, em geral em shoppings ou espaços abertos, nunca em teatros. Alguns dedicam-se, por tempo limitado, nos raros períodos de alguma folga (períodos anteriores ao ingresso no curso superior ou de trancamento na faculdade) a esportes como natação ou futebol (uma noite na semana ou nos finais de semana) ou ainda a aulas de dança de salão.

Os casados que têm filhos, em sua maioria menores de 12 anos, escolhem atividades que possam compartilhar com eles. Nos finais de semana, freqüentam as casas de pais e irmãos, percorrendo uma espécie de “via sacra”, além de receberem-nos nas suas próprias casas. Vinícius, que mora na capital, nasceu numa cidade da região metropolitana que, sendo hoje uma cidade-dormitório, ainda guarda um ar bucólico. É ali que acontece toda a sua vida social. Ele e a esposa, natural da mesma cidade, passam lá todos os finais de semana, nas casas dos pais de um ou de outro. Todos os sábados Vinícius, seu pai e irmãos rodam os mesmos “bote-cos”, colocando a conversa em dia, enquanto sua esposa prepara noivas com as irmãs. Eduardo acabou recentemente de construir uma casa de campo na região metropolitana, onde recebe sua família, a da esposa e alguns vizinhos atuais e

colegas da empresa, o mesmo acontecendo na casa de Marcelo, que tem sauna, piscina e salão de jogos. As visitas familiares dominam os finais de semana.

Em casa também acontece outra atividade a que muitos se dedicam: ver filmes em VHS (vídeo), locados nas imediações. Em geral, preferem filmes de ação: policiais, suspense, aventuras. Há exceções no estilo de filmes preferidos pelos técnicos. Walmir prefere filmes europeus (mencionou *A Carne Trêmula* e *Tudo por Minha Mãe*), pois não gosta dos americanos (ainda que seu ator predileto, Nicholas Cage, atue principalmente em típicos filmes de ação americanos). Walter procura fitas menos divulgadas, difíceis de encontrar nas locadoras de vídeo, e as assiste nos cinemas da capital.

Sinceramente, eu não gosto muito desses filmes que, digamos, dos enlatados que fazem sucesso, que vêm para ganhar Oscar, não. Igual esse “Caminhos Para Casa”. Eu falei: eu vou assistir esse filme. Pela história que foi relatada no jornal. Ai chamei minha namorada, ai nós pegamos e fomos. Mas não gosto muito desses filmes que destacam, igual você vê, que ganham quinze, dez, doze Oscars, não. Eu acho que você tem que, digamos, que vasculhar aquilo que não tá muito... digamos que não foi muito mexido ainda. Você garimpar o que já tá muito garimpado ali, você vê o pessoal indo atrás, nem sempre é uma boa. Acho que você tem que buscar outros caminhos. De repente um filme que não tá tão divulgado, de repente ele mostra a melhor história ou ele pode ser mais útil do que um filme aí, digamos, que de grande montagem, de grande orçamento igual o pessoal fala, né? (Walter)

Walter identifica-se com o circuito mais “alternativo” de cinema, ainda que não tenha tido nenhum tipo de iniciação via amigos, escola ou cine-clubes. Sem maior elaboração analítica acerca do caráter das produções cinematográficas, campo discursivo que ele demonstra desconhecer, Walter assume como valor a qualidade da fita, definida pelo critério, pouco usual no grupo dos técnicos, de a mesma ser periférica ao circuito de massa, como a fita mencionada, o chinês *Caminho para Casa*. Emerge como valor “buscar outros caminhos”, outras linhas narrativas “mais úteis” que os filmes produzidos para agradar ao grande público.

Os técnicos também utilizam seu tempo livre fora de casa, quando vão, principalmente, a praças e *shoppings*. João Paulo e Sônia costumam acampar nos feriados em que têm algum dinheiro disponível para a viagem e gostam também de pesque-e-pagues, amantes que são da vida ao ar livre, mas queixam-se de que terminam por fazê-lo apenas duas ou três vezes ao ano. Hugo visita, algumas vezes ao ano, parentes nas cidades do interior onde ele e a esposa nasceram. Fernando muito ocasionalmente pode usufruir de seu lazer predileto: os bailes de forró

(farró tradicional, jamais o “universitário”¹¹²), em geral acompanhado de parentes. Walmir e Soraia começaram a tocar um instrumento depois de formados no IT: violão e teclado, respectivamente. Mas não têm tido quase nenhum tempo para praticar.

Apenas dois técnicos têm acesso a clubes: Luiza, que ingressou em um clube perto de casa, praticamente por exigência profissional, após um período de estafa, e Fernando, cuja esposa e filhos freqüentam semanalmente o clube do SESI, onde ele só vai ocasionalmente. Luiza freqüenta o clube aos domingos pela manhã, quando fica ali, lendo algum livro e tomando banho de sol. Não pratica nenhum esporte nem tem conhecidos no clube. Segundo ela, o hábito de freqüentar o clube, assim como outras atividades de lazer que ela vem desenvolvendo ultimamente, deve-se a cobranças vindas do trabalho:

Olha, eu acho que é o seguinte: a gente acaba perdendo toda aquela parte que é particular e inclusive que se exige, que a gente tenha vida particular. Mas nas horas vagas você está fazendo o quê? Está fazendo curso pra ter um inglês. Mas acabam te condicionando muito ao perfeccionismo, aquela coisa. Então você tem que ser bom de liderança, você tem que ser bom de trabalho, você tem que ser bom de orçamento, bom... bom... E quem não é, aí vai cair na massa aí ... Vai ficar limitado no salário, isso. Então hoje aqui é tanta coisa que tem hora que eu fico louca com um negócio desse. Cê fica pirada! Mas eu queria ter minha vida mais pausada... Mas aí chega o cara, quer saber qual o seu gosto particular, né, igual de filme, de seu hobby... Quer dizer, além disso tudo você ainda tem que ter tempo pra desenvolver alguma coisa que não tem nada a ver com o serviço, coisas interessantes. O ano passado eu fiz ginástica, fiz algumas coisas assim, mas o meu tempo vago eu vou estudar! O que que eu posso fazer? (Luiza)

Fica evidenciada aqui a forte relação entre trabalho e lazer, com esse segundo fator aparecendo como exigência do primeiro. Ao mesmo tempo que sente falta de maior tempo para sua vida particular, Luiza precisa investir seu tempo “livre” em estudo. Entretanto, vê-se obrigada a investir tempo em atividades de “lazer” e mostrar que tem uma vida “equilibrada”, a fim de satisfazer a mais uma demanda do mercado de trabalho. Na verdade, o desejo pessoal de Luiza é poder ficar em casa nos finais de semana, arrumar o quarto, brincar com o cachorro, conversar com a mãe e só sair para ir ao salão de beleza próximo, onde ela adora conversar.

¹¹² O farró tem-se diferenciado, nessa e em outras regiões metropolitanas, em farró tradicional, ou pé de serra, e o farró universitário, dançado de forma diversa, assimilando elementos de dança de salão e salsa, e que, como indica a denominação, predomina entre jovens universitários de classe média. Cf. CEVA, 2000. Já o farró tradicional continua ocupando a preferência do público acima de 30 anos nos bailes populares direcionados para esse grupo.

Daniel foi competidor federado de vôlei e futebol por um clube de classe média da capital antes de ingressar no IT, quando viu seu tempo totalmente ocupado pelos estudos, o que ocorre até hoje, já que ele trabalha o dia todo e estuda à noite e nos finais de semana.

O futebol aparece como atividade praticada por vários deles, a qual é abandonada a partir de uma certa faixa etária, quando o corpo começa a ressentir-se de maneira mais forte dos esforços e contusões impostos pelo esporte. Aqueles que não o praticam têm o hábito de ir ao campo para ver os jogos dos times de sua predileção. Marcelo, tem um protetor de tela do seu time no computador que utiliza na empresa e todos que entram em sua sala fazem algum tipo de brincadeira referente à sua preferência. Ir ao campo de futebol é um momento descrito como de “pura emoção”: participar da torcida, comungar com a multidão, sentir-se compartilhando a emoção “com a massa”, tudo isso parece suprir parte da necessidade de rituais de energização coletiva (de todo ser humano) numa sociedade como a moderna, em que outros espaços que tradicionalmente proviam tais vivências foram destituídos de significado, como as igrejas, de que falaremos adiante.

Ali todo mundo é igual. Ou todo mundo tá com raiva, ou todo mundo tá muito bem. Você vai ali, e quando o cara tá lá na frente e dá um abraço no cara quando sai o gol, não sabe nem o nome do cara. É uma loucura. Aí quando o time tá jogando mal, você xinga, você fala palavrão... Acho que é melhor do que ver um filme de terror. Você descarrega tudinho ali. Pra mim é uma terapia. Já fui em vários e vários jogos, pôxa, lotadaço o X. (estádio local). Só quem vai é que sabe! Mesmo que saiba um pouquinho só de jogo de futebol, mas tem que entender o seguinte: ali estão pessoas que não estão raciocinando, não. Eles tão liberando mesmo. Mas é impressionante a festa. Você imagina oitenta mil pessoas torcendo para a mesma coisa acontecer. É um barato esse negócio. É legal. É muita energia. Mesmo assim não tá dando certo. Meu time tem que ser campeão esse ano. É muito bom o X. (estádio local). Eu preciso de voltar a ir. [Walmir]

Nem todos vão aos campos de futebol, mas muitos os freqüentam: os técnicos oriundos tanto dos grupos populares quanto dos setores médios. Assistir aos jogos pela televisão e acompanhar os programas esportivos constituem algumas das atividades mais comuns dos momentos de lazer, tanto da maioria dos homens entrevistados quanto de Luiza, em sua identificação com o universo “masculino”. Eles citam inúmeros programas esportivos, comparam-nos e avaliam seus apresentadores.

Dentre os 20 entrevistados, apenas seis utilizam a internet regularmente (Isadora, Roberto, Ednardo, João Paulo, Marcelo e Hugo). Três técnicos acessam no trabalho, mas com muitas limitações, como Walmir, Fernando e Marilton (que

mantêm um endereço de *e-mail*), enquanto onze não têm acesso a essa ferramenta. Esse é um dado relativamente surpreendente quando pensamos em trabalhadores técnicos, em atuação nas áreas técnicas e inseridos no mercado formal. Entretanto, podemos comparar o dado acima com aqueles levantados pela Pesquisa IBOPE/ TGI 2002, segundo os quais só têm acesso freqüente à Internet 12,5% da população da região metropolitana onde os técnicos investigados residem.

Uma importante forma de ocupação do tempo de lazer consiste em ver televisão, o que, entretanto, ocorre em meio a um clima de forte conflito pessoal. Já tivemos oportunidade de analisar os significados conferidos pelos técnicos ao fato de “ficar em casa assistindo televisão” e seu desejo de “fazer algo construtivo”, de “estar sempre evoluindo”. Seu sistema de valores os coloca numa posição crítica frente a atividades de baixo nível cultural, ao mesmo tempo em que não dispõem de condições de acesso a outro tipo de atividade de descanso mental e lazer. *Zapeiam* sem parar, não por ansiedade ou falta de concentração mas por total desinteresse. Eu diria mesmo: aversão pela programação televisiva. Entretanto, criticam-se a si mesmos por serem incapazes de largar a TV e encontrarem outra coisa para fazer.

Mas eu, vira e mexe, eu tenho um livro e falo: -Vou pegar esse livro...Mas é cultura, mesmo, porque tem que ter hábito. Você tá aqui sem ter nada o que fazer. Eu não tenho aquele hábito de pegar um livro e ler. Eu sento na frente da televisão e não passa nada que presta. Eu fico trocando canal o tempo inteiro e fico ali trocando de canal e xingando: -Nó! Só passa porcaria! E em vez de eu desligar aquele trem e sair de lá e ir fazer outra coisa, não! Fico lá! Às vezes passa uma hora e eu fico lá: -Pô, que televisão porcaria! E fico. Ai na hora que pinta alguma coisa mais ou menos ...às vezes um futebol, ou um filminho mais ou menos, ou um jornal assim que dá uma notícia. Ai às vezes assim, você pára. Agora liga o 5, é novela, no 12, é novela no 9, costuma ter uns programas bons, mas às vezes não tenho paciência porque é muito política também. 'Cê assiste que é pra ficar por dentro mas...tem hora que você não tá a fim de ver aquilo! No 7 é mulher pelada, né, aquele programa do O Positivo. O Ratinho no 5. Ai 'cê põe no 2 é aquela mulher, a...Adriane Galisteu, no 4 é aquela tal de Luciana Gimenez. É ridículo! Ai fica aquele trem terrível, né? Nossa! Eu fico pensando: gente, como é que pode? Mas eu fico lá, teimosão, querendo largar o trem pra lá... [Hugo]

O discurso crítico sobre a televisão é generalizado entre os técnicos. A grande maioria não dispõe de televisão por assinatura (apenas três dentre os vinte entrevistados dispõem desse serviço) e faz suas opções dentre os programas oferecidos pela TV aberta.

E hoje, o lazer que o pobre tem é a televisão. Televisão é Faustão, Silvio Santos, pelo amor de Deus! Nossa senhora, eu fico trocando de canal pra cima e pra baixo, pra cima e pra baixo. Uma hora eu canso e desligo. Dá não, né. Se não tiver

uma TV a cabo, uma coisinha melhor, não dá pra assistir televisão mais não.
[Robson]

*Eu não tenho televisão a cabo, né? Só tenho televisão normal. Mas procuro mais **jornalismo**. Não tenho paciência pra novela. Olho mas não faço questão. Perdi totalmente o hábito pra novela. Gosto de programas de entrevista e jornalismo. Não tenho...Humor, essas coisas, vejo alguma coisa. Quando eu tô viajando às vezes eu vejo mais. Às vezes você tá no hotel e olha, aquela coisa toda. Eu acho televisão muito pobre, também. Geralmente eu seleciono muito. Na televisão a cabo eu gostaria mais. Por exemplo, na TV a cabo tem alguns programas de entrevistas mais interessantes, filmes bons. Ó, semana passada eu viajei e estava...nossa! Eu vi um monte de filme que eu já tinha visto no cinema e vi passando. Falei: - Nossa, que maravilha! O que que eu tô perdendo, né? Pensei, né? [Luiza]*

Predomina a preferência por filmes de ação, telejornais, programas de reportagens, como Globo Repórter e os das TVs por assinatura (só de entrevistas, como o Programa do Jô, programas de humor como Casseta e Planeta, Zorra Total e Os Normais, Brava Gente e os já mencionados programas esportivos). Marilton adora desenhos animados, assim como Leopoldo. Roberto não gosta da Rede Globo e prefere a programação da TVE: Sem Censura, Auto Falante, Agenda, e vê o telejornal da Bandeirantes. Como trabalha de turno, é ele que tem mais acesso a todos os horários da programação. Alguns declaram que praticamente não assistem à televisão, como João Paulo, Danilo, Edward, Olacir e Walter.

Fernando, um dos fortemente críticos à televisão, só assiste aos noticiários de final de noite e ao Programa do Jô, que ele considera um pouco menos mentirosos que os demais, que são produzidos totalmente direcionados pelas pesquisas de audiência.

“Se você quiser ter uma cultura um pouco melhor, você vai pro canal 9. TV Senac também tem uns bons programas..E agora tem a TV Evangélica...Fica um caso à parte. Vamos separar, apesar de eu não ser evangélico. A TV Evangélica tenta fazer o lado social, até um certo ponto, também. Mas o que dá Ibope é isso: ou é o Gugu mostrando mulher pelada, ou é Ratinho com DNA, ou é Faustão com aquelas palhaçadas, que eu não sei como que a Globo ainda mantém um cara daquele no ar, um cara mal-educado, mal-informado, não tem um pingão de senso! Então, você vê: a nossa televisão é o reflexo da nossa sociedade e dos políticos que comandam. [Fernando]

Outros comentários críticos apontam de que “a televisão só fala o que o governo quer”; a população “só preocupa com novela, enquanto a inflação sobe, o ônibus sobe de seis em seis meses”; “tem uns doze anos que eu não assisto ao Fantástico, graças a Deus! Aquele programa é uma lástima”. Soraia preocupa-se que a televisão interfira na convivência familiar, porque “o tempo que a gente tem é pouco”.

Observa-se que os técnicos exercem sua capacidade de recepção crítica e seletiva da programação televisiva, porém vários deles encontram-se ainda, de alguma forma, reféns da mesma, uma vez que não vislumbram outra forma possível de ocupação do tempo livre que seja conciliável com a convivência familiar e o cansaço ao final do dia, horário em que acessam e brigam com a televisão. Mas a televisão, como as mídias em geral, não deve ser vista exclusivamente numa ótica apocalíptica, segundo a qual a indústria cultural não passa de uma máquina de imposição da ideologia dominante sobre o resto da sociedade, homogeneizando os gostos e as emoções, narcotizando as consciências e veiculando produtos que dispensam qualquer esforço intelectual do receptor, nivelando por baixo os produtos da cultura e educando para uma atenção superficial, para o conservadorismo e para o conformismo (ECO, 1976). É importante atentar para o fato de que, de um lado, o receptor não é passivo: além de escolher, ele também analisa, aceita ou recusa e ainda ressignifica os produtos a que tem acesso através da indústria cultural, pois, “no consumo, há uma racionalidade sociopolítica interativa” (Canclini, 1997: 52), como pudemos ver no caso de vários dos técnicos.¹¹³

A televisão, instrumento por excelência da indústria cultural, dá-lhes de fato conhecimento de inúmeras informações a que dificilmente teriam acesso de outra forma, como fatos e dados da vida política e econômica do país, informações de especialistas de diversas áreas (nos programas de entrevistas, muito vistos por eles), dentre outras. Um caso típico desses é o de Fernando, que, chegando em casa em torno de 22h40, da faculdade, detém-se um pouco frente à TV para relaxar e se informar pelos jornais da noite e do Programa do Jô. Roberto, que reveza turnos no trabalho, antes de recomeçar a estudar assistia a diversos programas educativos à tarde e à noite pelas TVE e TVSenac, mostrando-se informado em diversos temas.

Outro aspecto indiscutível da televisão é a sua intervenção na construção das identidades pessoais dos sujeitos, ou, para utilizar a terminologia comum a Giddens e J.B.Thompson, a construção simbólica do *self*. Para Thompson, se o *self* é ativo e criativo, ele também está inscrito num determinado acesso aos materiais simbólicos, que não estão disponíveis do mesmo modo a todos. É óbvio então o

¹¹³ Sobre a questão da recepção não passiva dos produtos da indústria cultural, Canclini, 1990; Rocha, 1995; e Thompson, 1999 fazem um apanhado das diversas posições encontradas na literatura.

impacto do desenvolvimento dos meios de comunicação nos processos de auto-formação, agora passíveis de estender-se para além das interações face a face, enriquecendo e acentuando a organização reflexiva do *self*. Podemos constatar um exemplo dessa situação em Leopoldo, garoto pobre, filho de mãe solteira, com circulação restrita pela cidade e que, trabalhando numa empresa de instalação de TV paga, adquiriu uma assinatura

Noventa por cento dos meus CDs são CD internacional, importados. Rock, R&B ou pop. Vou te citar um exemplo: L. Rock mas não muito pesado que não vai deixar a gente doido. Rock gostoso de se ouvir: Oasis, Rage Against the Machine, Goo Goo Dolls. Gosto de CD que ninguém conhece aqui no Brasil. Eu gosto de ser diferente. Suzana: E como é que você descobre essas bandas?

Leopoldo: Porque eu gosto muito de assistir o canal 29. Eu descubro essas bandas todas lá. Adoro! Rythm and Blues... adoro Lauren Hill, Grampy, Janet Jackson...
[Leopoldo]

Temos então um típico caso de jovem com a identidade marcada, também, pelo gosto musical (dentre outras marcas de pertencimento de Leopoldo, conforme já vimos anteriormente, como a forte adesão ao discurso da empregabilidade e a profunda admiração pelo patrão). Seu gosto musical possibilita-lhe ser “diferente”, contrastando sua auto-imagem com a dos colegas com quem usualmente se encontra e conversa. De fato, entre todos os entrevistados apenas Leopoldo citou esse tipo de músicas e bandas. Na verdade, o gosto musical adotado por ele é compartilhado por milhares de adolescentes e jovens brasileiros (e de todo o mundo), mas, pelo que ele declara, distantes de suas relações face a face cotidianas, o que lhe traz orgulho de si. O gosto musical não o coloca, portanto, dentro de um grupo social com o qual compartilha visões de mundo, experiências, maneiras de vestir-se, de pensar e de agir, como o que ocorre com os jovens que acham espaços e tempos onde estabelecer um contato pessoal e direto com outros que compartilham do mesmo universo simbólico, constituindo-se em grupos de estilos.

O estilo refere-se à organização ativa e seletiva de objetos que são apropriados, modificados, reorganizados e submetidos a processos de ressignificação, articulando atividades e valores que produzem e organizam uma identidade do grupo. Isso não parece ter sido encontrado (talvez nem mesmo procurado) por Leopoldo. Mas a televisão permite a ele uma maneira de encontrar elementos simbólicos com os quais estabeleça a diferenciação que demonstra desejar em relação àqueles com quem partilha seu cotidiano: parentes, vizinhos e colegas, o que não quer

dizer que ele também não possua pontos de identidade com esses últimos. Ser “diferente” em alguns aspectos não exclui ser, ao mesmo tempo, igual em outros.

A declaração de Hugo sobre o desejo e, ao mesmo tempo, a dificuldade de substituir a televisão por outra atividade, como a leitura, por exemplo, deixa clara a questão do *habitus*. Todos são unânimes ao valorizar a leitura e sua importância na formação do indivíduo e do cidadão. De um lado, tais declarações podem estar relacionadas ao efeito entrevista, pelo fato de estarem sendo entrevistados por uma professora, estudiosa (doutoranda), o que certamente estimula um certo tipo de posicionamento frente à cultura “erudita”. Por outro lado, mesmo tendo sido socializados na cultura do IT, que valoriza fortemente os conhecimentos acadêmicos – de que o livro ainda é o veículo por excelência –, poucos adquiriram o hábito de ler. Esse hábito, pouco presente nos *habitus* de classe da maioria dos entrevistados, participa em desvantagem, no caso do IT, da concorrência com as atividades intelectuais mais típicas das áreas de exatas, com sua linguagem matemática, que acabam caindo na preferência da ampla maioria dos técnicos. A cobrança no IT com relação ao número de obras lidas e, conseqüentemente, o tempo dedicado à leitura não foi, definitivamente, a mesma relativa às inúmeras e enormes listas de exercícios de cálculo. Porém, ainda que limitada, a leitura no IT foi mais intensa, sem dúvidas, que nas escolas anteriores. Além do depoimento de Isadora, que, conforme vimos no Capítulo 3, dá conta de um trabalho diferenciado sobre a literatura, desenvolvido no IT e que alcançou enorme eficácia em sua turma, onde muitos passaram a encarar a leitura de uma nova maneira, descobrindo aí desafios e prazer. Ednardo também afirma ter aumentado ali seu volume de leitura.

Eu lembro que a partir do momento que eu entrei no IT eu comecei a ler mais, seja livro de romance, seja livro técnico. Eu lembro que depois que entrei no IT eu comecei a ler mais, entendeu? Então eu acho que basicamente é isso que mudou muito. Mas hoje, se eu te falar a última vez que eu li um livro, eu não sei te falar não. Eu leio o quê? Eu leio jornal... (Ednardo)

Mesmo assim, alguns técnicos declaram ler, pelo menos ocasionalmente. Alguns lêem jornais, mas nenhum deles tem acesso diário a qualquer jornal. Há quem leia as manchetes dos principais jornais via internet, há quem folheie ocasionalmente os jornais nos locais de trabalho. Nenhum deles é assinante de qualquer jornal. Apenas dois técnicos declararam ler revistas (de informações, gerais ou específicas), mesmo assim folheando-as seletivamente. Mas os caminhos da informação e da autoconstrução do *self* podem, inesperadamente, passar pelos *outdo-*

ors que poluem as nossas cidades. A partir de um contato visual rápido, pela janela do ônibus com peças publicitárias, Olacir reflete sobre importantes temas da sua vida e identifica suas experiências e a identidade delas com as de milhões de outros através das reportagens de capa das grandes revistas semanais estampadas nos *outdoors*. Exemplo disso é sua análise sobre o tema da mudança de papéis ligados ao gênero e o conseqüente sentimento de “perda de espaços”, experimentado por muitos homens com o ingresso das mulheres no mercado de trabalho e em postos de comando na sociedade.

Inclusive saiu uma matéria, até na Veja, na Isto É... Não sei, não sei se você leu essa revista, falando como que o homem está se sentindo nesse século, desse tamanhozinho, está sentindo quase nada, por causa do avanço da mulher na sociedade, nas diversas áreas. Não sei se você chegou a ver essa... Foi capa de revista, isso aí. Foi esse ano. Saiu em tudo quanto é outdoor aí de Belo Horizonte. Aí, quando eu vi aquilo assim, eu falei: ‘Pior que é verdade’. O homem se sente muito pequeno quando a mulher começa a avançar muito. Mas ele deixou, ele deixou fazer e... essa comodidade que ele quer, traz essa sensação de pequeno depois para ele, vai se sentindo incapaz. (Olacir)

Antes do *outdoor* Olacir não havia tido nenhuma oportunidade de reflexão mais sistemática sobre o assunto, apenas vivenciando a problemática de maneira emocional. Passa então a ver-se não mais como um indivíduo com problemas nessa área, mas como mais um dentre os muitos milhões de homens modernos que vivem nesse período histórico. As informações veiculadas pela mídia, superficiais, hipervolumosas e voláteis (Konder, 2000), podem, surpreendentemente, funcionar como campo desencadeador de reflexões sobre assuntos de grande relevância para a auto-reflexão desses sujeitos, como vemos aqui.

Fernando troca livros com irmãos e cunhados. Recentemente leu o *best seller* O Cavalo de Tróia de J.J. Benitez, em que ciência e religião se associam. Luiza vem nos últimos anos se dedicando à leitura de obras de Frederick Forsythe, autor americano de *best sellers* policiais, sugerido num almoço de negócios de que ela participou. Ela teria, naquela oportunidade, se sentido ignorante diante de uma conversa na qual se discutia, segundo ela, “literatura internacional”.

Por exemplo: ter o gosto por literatura estrangeira. Por que você vai discutir, o cara te fala de nomes, de pessoas assim, muito elitizado, literatura muito... sabe, a nível que você tem que saber. Já tive muita cultura de ler livros de autores nacionais, mas na época de 2º grau pra baixo. Depois da faculdade pra cima eu comecei a desenvolver mais leitura de autor internacional, né, porque uma coisa que eu pude perceber - e você só percebe isso no final do seu curso de Engenharia - é que seus colegas também têm gosto por isso. Frederick Forsythe é hoje em dia o que eu mais tenho lido: “O Dia do Chacal”, “O Ícone”, gosto mais desse tipo de leitura.

*Suspense, não terror, mas suspense, político, trama...de guerra...aquela coisa **estratégica**. Eu tô lendo agora um onde um cara pensa como um terrorista, **planeja as suas coisas, muito bem feito**, de certa maneira. Então eu gosto desses tipos de livro. Pra leitura, sempre gosto mais de espionagem. Romance, não tenho mais paciência pra ler. Tive muita até o meu 2º grau, talvez pela mentalidade que eu tinha, adolescente...Li muito Machado de Assis. Lí a obra inteira de Machado de Assis. Acho muito boa. Acho muito realista. Não é tão romântico como o Alencar, mas é muito realista. Mas hoje eu prefiro mais essa área. Não tenho paciência nenhuma prá romance. (Luiza)*

Luiza valoriza na literatura realismo e estratégia: planejamento detalhado. Além do acesso a um bem (“literatura internacional”) que, em sua ótica, confere distinção, *status*. Outro técnico (Robson), desejoso de ler “livros bons”, orienta-se pelas listas de obras indicadas para os vestibulares, o que demonstra seu desejo de seletividade e a adoção de uma estratégia concreta para alcançá-lo. Possui vários livros no quarto, muitos da área técnica e alguns de literatura. Mas queixa-se da falta de tempo para ler, pois está sempre estudando à noite. Outro técnico (Roberto), apesar de não ter muito hábito de leitura, gosta dos livros de auto-ajuda de Lauro Trevisan.

Eu li muitos livros do Trevisan. Eu achei uma pessoa muito inteligente e bem especial. Fala muita coisa que no dia-a-dia a gente não nota. Faz você notar as pequenas coisas, os pequenos gestos. Ele fala do que é básico, e a gente não nota por tanta correria. Sei lá, um gesto que você faz para uma pessoa. Às vezes você olha uma árvore e pensa: -Nossa! Aquela árvore, eu nunca tinha visto. Ela cresceu. A gente passa essa correria: -Eu tenho que trabalhar! Tem que viver o presente da gente sem preocupar. Tem que preocupar hoje e fazer hoje bem. Tem que preocupar com suas coisas, preocupar com a família, uma correria danada, não tem nem tempo para a família. [Roberto]

O que confere significado ao livro de auto-ajuda na ótica de Roberto? As orientações para colocar-se frente ao ritmo acelerado da vida e para possibilitar um outro olhar sobre o cotidiano, atento aos pequenos detalhes, capaz de encontrar pequenas alegrias e relativizar o excesso de valor conferido ao trabalho, destacando outras prioridades de vida, como a família. Sem dúvida, bastante adequado a um sujeito que declara que “eu só tive final de semana depois que eu formei no IT e só durou até eu entrar nessa firma que eu trabalho de horário”. Hugo, que não lê há muito tempo, lembra de algumas obras de que gostou: Agatha Christie, Paulo Coelho e livros sobre educação de crianças.

A leitura, sendo valor, não é hábito (tanto pela tradição cultural do grupo de origem quanto pela condição de falta de tempo, que marca a maior parte de suas vidas) e acaba restringindo-se, na maioria das vezes, aos lançamentos da indústria

cultural. Apenas a estratégia de Robson o coloca em condições de acessar outro tipo de obras literárias. As preferências literárias, muito restritas, pelo que acabamos de dizer, relacionam-se aos interesses imediatos: educação dos filhos, enfrentar o cotidiano e desenvolver o raciocínio estratégico. Isadora, filha de professor universitário, foi a única que mencionou a leitura como momento de prazer. Também foi a única que se sentiu marcada pela experiência de leitura vivida no IT – e em nenhuma outra escola. É, de fato, bastante lamentável a fala de Hugo – em si mesma, um lamento: de que, diante da “porcaria” da televisão, ele não consegue tomar uma atitude, sair dali e ir ler um livro, por “falta de hábito”, por “cultura”. Em oito anos de ensino fundamental, três anos de ensino médio e quatro de universidade, a escola não foi capaz de incutir esse hábito, de cuja falta eles todos se ressentem. Talvez parte de seus discursos valorizando a leitura estejam sendo construídos sob o “efeito entrevista”, especialmente quando se dirigem a uma professora e pesquisadora. Certamente, contribuí para a construção desse discurso a valorização, pelo conjunto dos técnicos, da “inteligência” de se ser “bem informado”, no que a leitura certamente contribui. Por outro lado, os depoimentos acima mostram que eles lutam por inserir a leitura em seu atribulado cotidiano e questionam a ocupação do tempo livre com atividades destituídas de maior significado.

A frequência ao teatro, assim como a leitura, também é valorizada, porém não praticada. Diante de uma proposta de sair à noite para assistir a uma peça teatral, Walmir considerou que o programa era “pesado” e que ele preferia algo mais “leve”. Talvez preferência pessoal, talvez falta de hábito. Ednardo gosta de levar as filhas ao teatro, porque acha importante para a educação delas. Já Fernando afirma gostar muito de teatro, apesar de ter visto apenas duas apresentações. Uma delas era a adaptação do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, na época, indicado para o vestibular. Ele havia tentado ler o livro, que considerou difícil de entender: “Foi no teatro que eu fui começar a entender o livro”. Espetáculos como balés e shows em teatros estão praticamente excluídos de seu universo, até porque o ambiente social lhes é hostil.

Nestor G. Canclini, em suas obras, *Consumidores e Cidadãos* e, ainda, *Culturas Híbridas*, defende que os padrões de consumo cultural associam-se a modos de vida, e, até mesmo, a formas de cidadania. O autor pergunta-se se “ao consumir não estamos fazendo algo que sustenta, nutre e, até certo ponto, constitui uma nova maneira de ser cidadãos” (1997: 31). Com esse tipo de questão, Canclini

lança a hipótese de que o espaço público pode estar hoje transbordando, para a esfera das interações políticas clássicas, e com isso estaria se estabelecendo uma reestruturação dos vínculos entre consumo e cidadania, em que a comunicação de massa teria lugar. Daí a importância de “se estudar cenários comunicacionais e informacionais onde também (além do patrimônio histórico) se configuram e se renovam as identidades” (Idem : 36).

Esta é, sem dúvida, uma área de pesquisa que desperta interesse, mas, ao mesmo tempo, demanda uma profunda vigilância epistemológica que proteja as análises dos perigosos caminhos do etnocentrismo, especialmente aquele de origem iluminista, em que a razão crítica é o eixo central dos sistemas de classificação acadêmicos. Sem desprezar em nenhum momento as virtudes da razão crítica, é importante lembrar que o campo do lazer é o campo da atividade desinteressada da fruição e do entretenimento. É preciso ter cautela ao analisarmos de forma classificatória os hábitos de lazer dos sujeitos, tendência muito presente no senso comum dos educadores.

Atenta a tais preocupações, como analisar o tipo de consumo cultural praticado pelos técnicos entrevistados? De um lado, eles somam, como quase todos nós, com os consumidores da cultura de massa e seus produtos consagrados, praticamente inevitáveis. Ao mesmo tempo, observamos que eles procuram deliberadamente fazer uma seleção de qualidade e incluem-se nos grupos que rejeitam alguns dos produtos consumidos pelas classes C, D e E (segundo a classificação da própria indústria cultural), como os programas sensacionalistas, a programação de domingo das principais redes de televisão, a programação do horário nobre, dirigida às “massas”. Alguns desses programas são consumidos por eles, também seletivamente, como já descrito: programas de humor, telejornais e programas de entrevistas. As novelas são rejeitadas por praticamente todos os entrevistados. Não devemos desconsiderar, entretanto, uma possível necessidade de mostrarem-se possuidores de um gosto “sofisticado” ou, no mínimo, “seletivo”. Argüidos que foram por uma professora, essa necessidade pode ter sofrido do “efeito entrevista” e ter sido potencializada. Por outro lado, percebemos que dificilmente eles poderiam mencionar produtos e práticas culturais carreadoras de maior distinção mas que estivessem além de seu campo de possibilidades.

Alguns eixos despontam como definidores de suas escolhas de consumo cultural. O primeiro deles me parece ser a etapa do ciclo de vida pessoal e profissio-

nal em que cada um deles se encontra. Os jovens solteiros têm menor referência na família enquanto grupo com o qual preferem compartilhar programas culturais, pela especificidade etária, e preferem companhias da mesma idade. Porém, gozam de reduzidíssimo tempo para lazer, uma vez que, em sua grande maioria, encontram-se em período de qualificação, cursando ou procurando ingressar na universidade.

Quando eu não tenho nada pra fazer, que são poucos os dias, eu costumo acordar 10, 11 horas! Ai eu fico o dia inteiro à toa. 1° de maio eu fiz isso. Tirei o dia todo pra mim. Acordei 10, 11 horas, fiquei tranqüilo...tomei o café, brinquei um pouco com os meninos, almocei por volta de uma hora, duas horas eu deitei e acordei 7 da noite. E assim... ma-ra-vi-lha-do! Como se eu tivesse ganhado na Loto! Foi o céu pra mim. Agora, quando eu tenho uma possibilidade eu leio um jornal, mas raramente! Tenho que pensar em quatro coisas: estudar, trabalhar, família e viver, que viver é o mínimo.(Fernando)

Naqueles períodos em que não estão, por algum motivo, trabalhando e estudando ao mesmo tempo, dedicam-se a cursos: de dança, de inglês, de natação, atividades que consideram mais legítimas que a principal alternativa que se lhes apresenta: a televisão. Em situação de ocupação integral do tempo desde, no mínimo, o ingresso no IT, esses técnicos não vivenciaram o “período de moratória”, no qual teriam maior disponibilidade e liberdade de circulação e usufruto dos bens e espaços culturais da sociedade. Os casados, tendo como referência principal a família, privilegiam atividades com ela compartilhadas. Aqueles pouco afeitos à rotina da convivência doméstica e ao investimento de seu tempo livre na educação dos filhos procuram mais cursos para fazer à noite. Verifica-se entre eles um estoque relativamente reduzido de possibilidades de lazer: Como pensar a vida social e cultural (sociabilidade e lazer) quando ainda não alcançaram um rendimento médio almejado? Para isso, é preciso qualificar-se, e a qualificação só é possível se paga, no tempo livre, longe de casa, tudo isso implicando em pesados investimento de recursos pessoais: financeiros (em mensalidades e transportes), de tempo de lazer. Como afirma Dumazedier, o lazer só pode ser praticado e compreendido “dentro de uma dialética da vida cotidiana, na qual todos os elementos se ligam entre si e reagem uns sobre os outros” (2001:32). Além disso, é patente a indisponibilidade de espaços e atividades esportivas e culturais noturnas nas proximidades de suas moradias, devido à estrutura dos centros urbanos. E ainda há a limitação de tempo, de recursos financeiros e de energia pessoal para as práticas culturais, além da falta de hábito quanto às atividades culturais diversificadas.

Essa limitação das práticas culturais e de lazer¹¹⁴ precisa, entretanto, ser relativizada, evitando-se o risco de uma avaliação apressada e etnocêntrica de seu significado. É curioso comparar as práticas culturais dos técnicos investigados com aquelas desenvolvidas por indivíduos provenientes de outros setores culturais, e para isso vou me remeter à pesquisa de Zaia Brandão entre professores universitários e suas famílias, na qual se procedeu a um levantamento das práticas culturais desses grupos (Brandão, 2002). Investigando professores de “uma das melhores universidades do Brasil” (Idem:4), a autora encontrou que 74% dos investigados estão economicamente posicionados na classe A (rendimentos acima de R\$ 3.743,00 no ano de 2000, que se incluem nos 5% da população brasileira nesta faixa), além de diversos outros fatores que lhes conferem a posição de “elite” (grau de instrução dos professores universitários, de seus pais e filhos, ocupação dos pais e filhos, etc). Nesse grupo, os dados encontrados por Brandão indicam que

“as práticas sociais das elites acadêmicas parecem ter sido bastante alteradas quando comparadas com as práticas tradicionais do passado. Literatura e música clássica, artes cultas em geral não parecem ter um papel maior nas práticas diárias dessas famílias” (Brandão, 2000:13. Tradução minha)

De fato, a pesquisa aponta para uma significativa penetração dos *mass media* e da cultura juvenil, além de que os professores universitários investigados lêem mais material técnico que “cultural”. A autora arrola alguns fatores que poderiam estar contribuindo para essas mudanças em relação a outras gerações de elite: as crescentes demandas por produtividade e financiamento na academia; a consequente exigüidade de tempo disponível; e a condição do cotidiano nas grandes cidades, cada dia mais caro, exigente e violento. Tudo isso estaria transformando os padrões de lazer e circulação das pessoas pela cidade. Pesquisa do IBGE¹¹⁵ aponta que entre os brasileiros que não possuem televisão por assinatura (91% da população da região metropolitana onde residem e trabalham os técnicos por nós investigados), apenas 0,6% vai ao teatro, 9,0% freqüentam cinemas e 10,3% freqüentam shoppings, enquanto o índice dos que acessam a internet é de 12,8%.

Esses dados nos permitem situar as práticas de lazer dos técnicos num contexto mais amplo, no qual parece haver uma generalizada ocupação do tempo pela

¹¹⁴ “Limitação” aqui, no sentido estrito do acesso, uso e assimilação dos variados produtos e possibilidades de experiência cultural presentes no espaço da metrópole.

¹¹⁵ Pesquisa IBOPE/ ABTA TGI 2002.

mídia que penetra em casa: televisão, vídeo, CDs e DVDs. Os fatores tempo e dificuldade de circulação pela cidade aparecem também entre as elites como importante elemento de definição das atividades de lazer e contribuem para uma maior viabilidade para tal tipo de práticas.

Não se acredite, entretanto, que os técnicos são detentores de um *habitus* estritamente ascético e totalmente voltado para o trabalho e a aferição de rendimentos. Em inúmeros momentos de nossos encontros eles se queixam da perda de sua vida particular, da falta de tempo livre, do ritmo excessivamente acelerado.

Mas hoje eu falo que a minha vida, Suzana, de um ano e meio pra cá pode-se dizer que eu não tive muita vida particular. [...] Não me divirto tanto como até eu gostaria, mas eu me divirto quando eu posso muito bem, né? Mas não faço muita questão, não. É...assim...normal, normal. [...] A minha vida tá muito limitada, né, de serviço. [...] A gente acaba perdendo toda aquela parte que é particular e inclusive que é exigida, que a gente tenha vida particular. [...] Eu falo mesmo, né, a minha vida quase toda é profissional e escola. (Luiza)

E temos ainda o emblemático depoimento de Walmir, já mencionado, quando descobre, na casa de um colega do IT, que este tocava violão, desenhava e escrevia depois das aulas. Walmir percebe então, pela primeira vez, que a vida não é só ser profissional: “Técnico não é só trabalhar e calcular, não. Técnico também é gente”! Ele passa, a partir de então, a angustiar-se com o trabalho – ou descobre o porquê de sua angústia? Vimos nos capítulos anteriores o quanto Roberto se resente da limitação de seu lazer e sociabilidade causada pelos horários de trabalho a que está submetido. E as queixas de Fernando e de sua esposa, pelo fato de estarem perdendo o crescimento dos filhos. Ou o depoimento de Robson dando conta do quanto está esgotado, cansado e sem tempo ou recursos para “a vida lá fora” – a vida está num outro lugar, onde ele não está.

Os tempos, espaços e sujeitos envolvidos na sociabilidade dos técnicos também dialogam com esse conjunto de circunstâncias...com outras mais. De modo geral, configura-se um quadro em que os técnicos sentem-se mais à vontade com pessoas “mais simples”, “mais humildes”, desde que sejam também “inteligentes” e “dispostas a aprender”, que “tenham um objetivo na vida”. Os amigos preferidos pertencem, de uma maneira geral, à classe de origem dos técnicos de origem popular, mas não no caso dos técnicos de classe média, que desde o período do IT ampliaram o campo de recrutamento de relações, incluindo as classes populares aí acessadas, como vemos nos casos de Isadora, Marcelo e Danilo. Isadora, filha de professor universitário e psicóloga, que concluiu o ensino fundamental numa es-

cola privada, construiu relações sólidas com colegas do IT, com os quais passa seu tempo de lazer até hoje. Dentre esses predominam trabalhadores, alguns dos quais não prosseguiram os estudos ou encaminharam-se para cursos universitários em função de necessidades econômicas, situação desconhecida no grupo de origem de Isadora. Há ainda negros os seus amigos, situação pouco usual entre seus parentes, vizinhança ou colegas da escola particular. Marcelo e Danilo têm entre os amigos colegas de trabalho com trajetórias sociais bem distintas das suas. Mesmo frequentando também pessoas de camadas médias, esses três técnicos demonstram uma adesão à opção por estabelecer relações com “gente simples”, não muito comum nos seus grupos de origem.

Já os oriundos dos setores populares mantêm-se referenciados nos grupos de origem, em especial a família, à qual somarão, após casados, a família da esposa ou do marido. Poucas relações são construídas totalmente independentes das famílias, e muitas vezes os amigos e colegas mais próximos e não parentes foram apresentados por parentes. Mas os técnicos de origem popular vivenciam uma espécie de paradoxo. Ao lado da forte referência na família, muitos deles parecem se ressentir de um ciclo um pouco mais ampliado de relações. Passando pela universidade, poucos constroem ali alguma amizade.¹¹⁶ Quando elas acontecem, tendem a se perder decorridos alguns anos da formatura, de forma semelhante ao que também aconteceu com os colegas do IT, nos casos em que tais relações foram construídas. O local de trabalho só fornece relações de amizade que o extrapolam e se prolongam pelos tempos livres numa quarta parte dos entrevistados (Marcelo, Leopoldo, Danilo, Ednardo e Hugo).

As relações construídas ao longo da infância e adolescência perderam-se na maioria dos casos. As relações com a vizinhança são limitadas, mesmo nos casos em que os técnicos residem no mesmo endereço em que foram criados. Conforme já mencionado, ao ingressarem no IT, ou nos cursos diurnos de horário integral, ou no noturno, conciliando estudo e trabalho, esses sujeitos viram seu tempo inteiramente absorvido e perderam quase toda a possibilidade de lazer e socialização. Além disso, a adoção de um *habitus* relativamente ascético, fortemente referenciado em projetos de médio e longo prazos articulados em torno da vida profissional afastou-os da maioria dos colegas da vizinhança, voltados para outros interesses.

¹¹⁶ Vimos no Capítulo 6 que a vida da maioria dos técnicos na universidade se resume a chegar, assistir aulas e voltar rapidamente para casa.

Roberto e Walmir falam demoradamente sobre essa situação e nutrem um sentimento de perda sobre isso. Walmir conta que os amigos antigos (“os amigos que eu tinha de fazer bagunça, de sair pra arrumar namorada e tudo mais”) reclamavam que ele andava sumido, e ele explicava: “Ô gente, eu tô tocando a minha vida. Eu tenho que melhorar. Tô estudando”. Mas os amigos acharam que ele tinha mudado e pararam de chamá-lo para programas da turma. Segundo eles, quase todos se casaram, e ele foi perdendo o contato. “Alguns até evoluíram depois que casaram, voltaram a estudar, adquiriram coisas. Outros estagnaram”. E constata:

“Troquei de platéia. Na verdade, há uma mudança: você tá tendo novos amigos aqui (na universidade) também, entendeu?” (Walmir)

Entretanto, Walmir não desenvolveu nenhuma amizade na universidade, nem na primeira fase em que a frequentou por três períodos, nem depois de seu retorno ao curso, nos últimos dois anos. Ele ressalta a riqueza do ambiente universitário e a diversidade de pessoas e atividades, mas na prática não consegue penetrar aí. Suas companhias prediletas hoje são a noiva (operadora de telemarketing de uma financeira, estudante de biologia, com matrícula trancada) e o irmão dela (dono de uma pastelaria que completou o ensino médio). Para ambos, o adjetivo mais utilizado por Walmir é “inteligente”. Ele explica o sentido disso dizendo o quanto eles são bem informados, lêem muito, conversam sobre qualquer assunto e ainda, como ele, gostam muito de música. O cunhado toca violão, a noiva canta muito bem e eles conversam sobre tudo: “A gente consegue falar desde psicologia até física.” O lugar predileto deles é um barzinho com música ao vivo onde se apresentam “ótimos cantores”. Ele gosta de “boa MPB: Caetano, João Bosco, Djavan”.

Roberto também vê-se distanciado dos amigos de infância, ainda hoje seus vizinhos. Mantém contato apenas com aqueles que foram seus colegas no SENAI e com alguns colegas de serviço, alguns bem mais velhos do que ele.

“A vida, é igual eu te falei. Nessa correria de serviço, você perde muito contato com o pessoal que você tinha mais contato na infância. Então eu era mais pro lado de estudo mesmo.”

Roberto tem sentimentos ambíguos em relação a esse distanciamento: de um lado, vê aspectos positivos, pelo fato de muitos daqueles amigos terem abandonado os estudos e perdido tempo com bagunças, cigarros, bebida. E ele não participou de nenhum desses “movimentos” da turma da rua e acredita que por isso o

pessoal possa considerá-lo “meio chato”. Por outro lado, compara-se ao irmão, que manteve vivas essas amizades, com quem sai todos os finais de semana: “Mas ele foi um cara que começou a estudar e parou, sabe?” Por outro lado, Roberto sente falta de amigos

Eu perdi muito dessa coisa, o lance de escola. Você estudar no IT é a mesma coisa de você estudar em outro país, porque você vê gente de todo lugar. Aí você faz uma amizade aqui, uma amizade ali... Acabou o curso, fica aquele tempo. Logo depois morreu ali, né? E quando você tem uma amizade mais sólida na sua vizinhança...Acho que a gente tem que ter muita amizade. Amizade não tem que ser pouca, você entendeu? Teria que ter mais amizade mais próxima, sabe?

Todas essas conclusões parecem ter se organizado nas representações de Roberto após uma experiência recente pela internet. Ele conheceu uma garota de outro estado numa sala de *chat* (bate-papo), “numa situação dessas do mundo moderno, né?” Depois de vários *e-mails*, ele conta que é da Cidade X e ela diz que já esteve lá. Descobriram então que ela conhecia vários dos vizinhos de Roberto. Algum tempo depois acontece uma festa perto da casa de Roberto e a menina vem, a pretexto de conhecê-lo. Roberto vê-se então numa situação surpreendente: numa festa, com pessoas conhecidas desde a infância, com as quais não tinha mais nenhuma intimidade, ao lado de uma garota de outro estado, conectada via internet, que “conhecia todo mundo, assim de abraçar e tal”. Ele sentiu-se numa situação “horrível” e ficou pensando no tempo perdido... Estudos e trabalho privilegia-dos em detrimento do lazer. Depois de alguns anos, vários se questionam sobre suas perdas e ganhos, e ressentem-se da falta de um círculo mais amplo de relações.

Olacir tem uma experiência igualmente estranha com relação a pessoas próximas. Entrosou-se, nos últimos anos, com um grupo religioso de orientação protestante, “um grupo sem denominação”. Esse grupo constituiu-se numa verdadeira família para ele, oferecendo-lhe um espaço de sociabilidade (almoços nas residências dos membros, passeios nos campos próximos à cidade), de desenvolvimento pessoal (refletindo sobre suas atitudes, superando a timidez, meditando sobre valores, sobre o mundo de hoje, seus projetos pessoais), além de práticas de intervenção social (proclamando o evangelho no centro da cidade, buscando salvar outras pessoas. Tentando identificar o nível escolar das pessoas da “igreja”, Olacir ora afirma que “com certeza elas exigem mesmo ter pelo menos o 2º grau”, ora diz que “o pessoal da igreja é um pessoal mais simples, né? Praticamente alguns

têm só o primeiro grau, outros só o segundo. E das pessoas que estão ali comigo só uma que está formando em pedagogia”. É nesse grupo que Olacir parece ter encontrado, finalmente, “sua” comunidade. Porém, no grupo com o qual se identificou e no qual deseja fortemente inserir-se ele enfrenta dificuldades. O fato de ter-se formado em curso superior fez com que desenvolvesse, segundo ele:

Um outro tipo de linguagem. A gente vai esquecendo como é que a gente falava. Aí, às vezes, igual eu já ouvi comentário: ‘-Tá falando difícil’. A mesma dificuldade que eu sinto com alguém de um nível social, vamos dizer assim, um pouco maior, eles sentem comigo, com medo de falar besteira, essas coisas assim, que eu sei como que é, certo. Aí eu vou corrigir eles, eles têm essa dificuldade.

Sentindo que algumas dessas pessoas tinham dificuldade de conversar com ele, Olacir pensou que talvez não tivesse valido a pena ter feito faculdade, porque é com esse tipo de pessoas com quem ele gosta de estar. Ele então passou a procurar “sempre falar o que eles falam”, e até fez uma lista das coisas que não deve falar, que inibem o “pessoal da igreja”:

Evitar comentários... sociologia, psicologia...Evitar fazer “por quês”, porque eles detestam os “por quês”. Porque quando a gente está falando os “por quês”, parece que a gente está apertando eles, querendo que eles falem alguma coisa errada. Só que não é isso. Evitar falar francês, essas coisas assim. Eu fiz o curso de francês, então teve uma época aí que eu estava com o francês para tudo quanto é hora. Biologia, eles não gostam da biologia. Aí a minha conversa tem sido mais só aquilo que se refere mesmo à igreja, ao evangelho, é... problemas assim de familiares, essas coisas mais simples, né? Não estou querendo mais entrar assim em questões mais complicadas, porque eles não gostam.

Olacir encontra-se sobre uma tênue linha fronteira entre ser um trânsito ou um mediador.¹¹⁷ Planeja, racional e cuidadosamente, sua intervenção no grupo da “igreja”, preparando uma lista de assuntos e abordagens “proibidos”, a fim de não ser excluído. Com sua percepção de nativo, enumera cuidadosamente os pontos de tensão entre a cultura popular e a cultura acadêmica. Chama atenção a dificuldade dessas pessoas, todas com alguma escolarização, muitas com segundo grau, com a solicitação de fundamentações e justificativas de suas opiniões.

Vê-se, como já afirmado anteriormente, que os técnicos entrevistados, embora podendo ser considerados trabalhadores afluentes, ainda que com limitações, não são atraídos por um modo de vida que os leve a sair da sua vizinhança e circular em espaços geralmente ocupados por grupos de setores médios. Os que vivem em áreas mais periféricas, como Olacir, estranham até mesmo o centro comercial

¹¹⁷ Sobre o papel da aquisição da linguagem “cultura” e o perigo da perda da possibilidade de comunicação com a cultura de origem, ver o estudo de Franconi, 1990.

da cidade onde mora, uma cidade da região metropolitana habitada por trabalhadores industriais. Quando vai a essa área, sente-se pouco à vontade ao constatar que as pessoas que ali freqüentam são de outro nível social.

Um nível social mais alto um pouquinho, eu tenho dificuldade de relacionar. A gente se sente pequeno, né. Não sei se é...eu acho que é a sociedade que lança isso na mente da gente mesmo. Na periferia, o jeito de falar é praticamente o mesmo, então a gente consegue diferenciar pela cara que a pessoa tem, pelo jeito que ela veste, pelos ambientes que ela freqüenta, os ambientes mais requintados...Agora, quando a gente está em outros locais, igual no X. (nome do bairro comercial da cidade da região metropolitana) é outra coisa. O jeito de falar deles é diferente do daqui. Outro dia eu estava lá e vi um grupinho de moças conversando, totalmente diferente de um grupinho de molas daqui.

Suzana: Você lembra como era?

Olacir: *O tom de voz que elas usavam, sei lá, é diferente. A gente identifica que são pessoas que têm um nível social, pelo menos dos pais, né, têm dinheiro.*

Aqui, frente a um grupo de nível social superior ao dele, Olacir está em outra posição. É ele agora quem se sente “pequeno”. Também com os colegas na universidade federal Olacir sentiu dificuldades de entrosamento, sentindo-se num nível “abaixo”.

Essa problemática da identificação em termos de classe social foi também abordada por Richard Hoggart (1975), que dedicou todo um capítulo aos “desenraizados” de sua classe que ingressam na trajetória de desenraizamento por meio de progressão escolar. O autor fala da experiência dramática vivida por aqueles que “atingiram o estádio imediatamente superior ao da sua cultura original, mas que não são dotados de condições que lhes permitam integrar-se no grupo dos técnicos e dos especialistas ‘desenraizados’”(1975: 162). Sentem-se isolados, na vida cotidiana, de seu grupo, muitas vezes desde crianças, “condenados a subir na vida”. Na adolescência também foram segregados dos grupos de rapazes que se juntam à noite na esquina, pois têm trabalhos a fazer. O que vemos no caso dos técnicos por nós investigados é que eles buscam, de maneira geral, frente aos desencaixes ou *desterritorializações* vividos, o *reencaixe* (Giddens, 1991), ainda que sigam divididos, como típicos sujeitos inseridos no modelo do homem burguês. E onde o buscam? Com todas as contradições vividas no interior da família, do grupo social de origem e, mesmo, do trabalho, permanecem como importantes espaços de referência, assim como a escola, para onde canalizam, sistematicamente, boa parte do tempo “livre”, melhor aproveitado assim, segundo eles, que à frente do televisor.

A referência identitária na indústria cultural, no lazer e no consumo, como aponta Vaitsman (1994), não parece ser, no caso dos técnicos, tão central. Tampouco observa-se um consumismo expressivista ou uma tribalização estetizante dos grupos sociais a que pertencem esses sujeitos, ainda que haja, sim, referências e diferenciações em função de gostos e preferências de consumo cultural. As mídias, se são importantes fonte de informações, não parecem constituir-se como o único nem como o principal eixo estruturador de suas visões de mundo. Os técnicos selecionam dentre os elementos simbólicos oferecidos pelas mídias aqueles que possuam algum conteúdo moral, referido aos valores que orientam suas escolhas: honestidade, esforço, responsabilidade, desenvolvimento de si, igualdade e comunidade. Em alguns casos aparecem, num plano secundário, valores como *status* e distinção.

Os critérios definidores do tipo de parceiros que eles elegem em suas relações sociais são: objetivos a médio prazo, inteligência, informação e disposição de “correr atrás”. Ao lado disso, esperam ainda dos amigos simplicidade e humildade.

Todo o tempo, os técnicos dialogam com o mundo do trabalho: com aquele sonhado, no qual imperam a justiça, o respeito a todos os seres humanos, independente de quaisquer qualificações, e o mérito calcado no empenho, por meio do qual se construiria um futuro digno. Mas eles têm também diante de si, no campo da sociabilidade e do lazer, o mundo do trabalho real: com suas limitações salariais, sua voracidade sobre o tempo e as energias dos trabalhadores, suas relações de subordinação e dependência.

As enormes dificuldades de identificação comunitária enfrentadas pelos indivíduos na modernidade tardia são enfrentadas, porém não com a edificação de um discurso individualizante. Projetos individuais parecem-lhes mesquinhos e destituídos de significado: morar só, viajar só, fazer planos para si só não atraem nenhum dos investigados, a não ser em circunstâncias em que não reste outra alternativa.

Walmir sintetiza essa percepção e sugere conclusões para essa pesquisa:

Se você pudesse concluir analisando os seus indicadores lá, montando os seus gráficos, os seus números: tantas pessoas tão assim, tantas tão assado, mas se você pudesse falar assim: técnico não é um cara feliz. Mas ele não é feliz porque os aspectos, as vivências que ele tem extra-ambiente de trabalho não fazem ele feliz, por exemplo. Eu acho que o técnico deveria ter mais cultura, deveria discutir mais aspectos políticos, até ele poder crescer por completo. Até ele poder contribuir pa-

ra a sociedade. Não somente contribuir para a empresa dele, fazer a empresa dele ficar bem. Mas que ele aproveitasse os momentos sociais para também poder aprender e passar algumas coisas. Acho que seria ideal. Esse para mim é o ser humano ideal: que conhece o trabalho e que conhece o vizinho dele. Mas eu costumo idealizar demais. Eu sei que no fundo isso não existe. Mas esse é o mundo que eu... que todas as pessoas estivessem conectadas umas às outras, uma loucura aí ... Uma loucura...

Mas essa construção da comunidade no mundo moderno mostra-se uma verdadeira luta, em que o tempo é talvez a principal arma dos processos individualizantes. Quando construir redes de sociabilidade? Quando encontrar novos pares, usufruindo da enorme riqueza de possibilidades da metrópole? Quando aprender violão, dança, natação? Miguel Arroyo alerta para o fato de que o direito do trabalhador à educação passa por seu direito a espaços, tempos e condições necessárias para que ele desenvolva sua própria cultura e identidade, o que só ocorrerá no conjunto das relações vividas na cidade (Arroyo, 1987). Ficam evidentes as limitações da escola como espaço educativo e a importância de outros tempos e espaços na vida dos trabalhadores, hoje inexistentes, mesmo para um grupo relativamente “privilegiado” como o dos técnicos investigados. Fica também patente a ausência do direito de decidir como são produzidos, distribuídos e utilizados os bens culturais, o que afeta profundamente a vida cotidiana dos técnicos – e a de todos nós.

Para finalizar, considero importante ainda o registro referente à dimensão religiosa da vida dos técnicos. Ao lado da família, a religião mostra-se uma instância bastante valorizada, de onde emanam os mesmos valores e para onde eles ainda podem se reportar quando precisam de referências éticas, tão importantes em suas representações. Ainda que a grande maioria dos técnicos não seja praticante de nenhuma religião, é curioso notar que muitos se sentem vinculados a algum credo, considerando-se temporariamente afastados, como Hugo, Solange, João Paulo, Ancelmo e Sandra com relação ao espiritismo; Roberto, ao protestantismo; Ednardo, Fernando, Marcelo e Walmir ao catolicismo; e Luiza, ao budismo. Vinicius e Welber frequentam ainda a igreja católica, Olacir frequenta o grupo religioso já mencionado e Edward passou por várias religiões, sempre buscando algo, mas se decepcionando com as estruturas religiosas. Apenas Marcondes, Daniel e Isadora não fizeram nenhuma menção à dimensão religiosa. Ao mencionarem suas práticas religiosas ou lamentarem o fato de estarem afastados das mesmas, emer-

gem os mesmos valores: solidariedade, coragem para enfrentar as dificuldades e alcançar os objetivos, justiça, moralidade e igualdade.

Podemos ver que ainda há muito de moderno, de regra, de referências “clássicas” e de instituições tradicionais orientando os sujeitos da modernidade tardia, mesmo entre sujeitos altamente escolarizados, com razoável poder de consumo e habitando uma grande metrópole há mais de vinte anos. E essas características ditas modernas, quase sendo vistas como “tradicionais”, são extremamente valorizadas e repassadas pelos técnicos às gerações mais novas sem perder, no entanto, a abertura para o dinamismo da cultura, como mostram suas posturas diferenciadas em relação aos seus pais.